

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ESTUDOS DE GÊNERO

Paula Aparecida Cavalheiro Ponciano

**NARRATIVAS DE PROFESSORES/AS DA EDUCAÇÃO INFANTIL
SOBRE AS QUESTÕES DE GÊNERO NAS PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS**

Santa Maria, RS
2021

Paula Aparecida Cavalheiro Ponciano

**NARRATIVAS DE PROFESSORES/AS DA EDUCAÇÃO INFANTIL SOBRE AS
QUESTÕES DE GÊNERO NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS**

Artigo de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização em Estudos de Gênero da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Especialista em Estudos de Gênero**.

Aprovado em 24 de Junho de 2021:

Sueli Salva, Dra. (UFSM)
(Presidente/Orientadora)

Laura Fonseca, Dra. (UFSM)
(Banca Avaliadora)

Márcia Paixão, Dra. (UFSM)
(Banca Avaliadora)

Santa Maria, RS
2021

NARRATIVAS DE PROFESSORES/AS DA EDUCAÇÃO INFANTIL SOBRE AS QUESTÕES DE GÊNERO NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

EMERGING DIALOGUES WITH EARLY CHILDHOOD EDUCATION TEACHERS ON GENDER ISSUES AT A SANTA MARIA MUNICIPAL SCHOOL

Paula Aparecida Cavalheiro Ponciano¹, Sueli Salva²

RESUMO

Este estudo objetiva compreender as percepções sobre gênero elaboradas por professores da Educação Infantil, de que modo são pensadas suas práticas pedagógicas para as crianças e se tais práticas possibilitam problematizar questões de gênero no contexto escolar. A pesquisa foi feita através da escuta de docentes que atuam em contextos da Educação Infantil e consiste em trabalho final do Curso de Especialização em Estudos de Gênero da Universidade Federal de Santa Maria. Para elaborar este trabalho, foram empregados dois procedimentos importantes: o primeiro foi o levantamento teórico sobre o conceito de gênero, e o segundo, a aplicação de um questionário com questões abertas como instrumento de produção de dados, interpretados à luz de conceitos teóricos dos estudos de gênero desenvolvidos por Louro e Finco (2003). Apresentando uma perspectiva qualitativa, esta pesquisa destinou-se a analisar as situações narradas pelos professores da Educação Infantil sobre suas práticas pedagógicas atreladas às questões de gênero. O instrumento de produção dos dados foi um questionário com questões abertas, enviado através de *e-mail*. A partir das narrativas, foi feita uma análise reflexiva das respostas de duas professoras e de um professor, sujeitos da investigação. O trabalho trouxe a possibilidade de pensar a importância da formação de professores e a necessidade de estudos de gênero na formação docente. Além disso, possibilitou o entendimento de que esse é um processo complexo e que requer uma mudança na sociedade, de modo a acolher a diferença e lutar por uma sociedade justa, com respeito e igualdade de direitos.

Palavras-chave: Narrativas; docentes da Educação Infantil; estudos de gênero e contexto escolar.

ABSTRACT

The present study aimed to investigate gender perceptions in the narratives of early childhood teachers and how pedagogical practices are thought for children and whether they make it possible to problematize gender issues in the school context by listening to teachers who work in educational contexts. , so that we can compose the final work of the Specialization Course in Gender Studies at the Federal University of Santa Maria. To elaborate this work, two important moments were used: the first with a theoretical survey on the concept of gender and the second, the application of a questionnaire with open questions as an instrument of data production and we seek to

¹ Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal de Santa Maria, Pós Graduada no Curso de Especialização em Estudos de Gênero e Mestrado em Educação Matemática.

² Professora do Centro de Educação - UFSM - Departamento de Metodologia do Ensino e do Programa de Pós-Graduação em Educação Coordenadora do NEPEI/UFSM (Núcleo de Estudos e Investigação em Educação e Infância/UFSM) Membro do Grupo de Pesquisa FILJEM (Filosofia Cultura e Educação).

review some of the theoretical concepts of gender studies developed by Louro and Finco (2003). As it presents the perspective of a qualitative research, it was intended to analyze qualitatively the situations narrated by Early Childhood Education teachers about their pedagogical practices linked to gender issues. Thus, instruments for the production of the research data were the application of a questionnaire with open questions, sent via e-mail, and a reflexive analysis of the responses of the two teachers and the professor, subjects of the investigation in question. In this sense, this work brought us the possibility of thinking about the importance of teacher training and the need for gender studies in teacher training, it enabled us to understand that this is a complex process, which requires a change in society and thus welcomes the difference and fight for a just, respectful and equal rights society.

Keywords: Narratives; teachers of Early Childhood Education; gender studies and school context.

INTRODUÇÃO

Começo este artigo narrando parte de minha história de vida acadêmica até chegar no Curso de Pós-Graduação — a Especialização em Estudos de Gênero. Dentro da academia, iniciei minha trajetória como Licencianda em Pedagogia na Universidade Federal de Santa Maria, em 2015. Durante a formação, foram poucos os momentos em que se discutiam temáticas de gênero na Educação. No segundo semestre do curso, em uma disciplina denominada Antropologia Cultural, abordaram-se algumas discussões sobre gênero e feminismo, ainda que de forma pouco aprofundada. Naquele mesmo semestre, também vivenciei a disciplina Sociologia da Educação II, na qual tratamos de um artigo sobre gênero nas brincadeiras.

A partir das leituras e com meu ingresso como bolsista na Unidade de Educação Infantil Ipê Amarelo (UEIIA), comecei a observar que algumas práticas pedagógicas possibilitavam às crianças diferentes experiências, sem que houvesse diferenciação entre o que era proposto para as meninas e para os meninos, ou seja, todos os brinquedos e todas as brincadeiras eram permitidas e estimuladas para todas

as crianças. Aquelas poucas reflexões nos componentes curriculares anteriores e as observações no contexto da UEIIA, de algum modo, contribuíram para que eu percebesse a importância de planejar propostas pedagógicas que tornassem possível a desconstrução de estereótipos de gênero, em especial sobre a divisão de brinquedos, problematizando o que se naturalizou como adequado para meninos e meninas. Compreendi a importância de oferecer múltiplas experiências para as crianças, independentemente de seu gênero, e levei esse conhecimento comigo durante a realização do meu estágio obrigatório do Curso de Licenciatura em Pedagogia.

A partir dessa experiência, inovadora para mim, passei a me questionar se, em outras escolas, esses momentos aconteciam: será que meninos e meninas brincam com carrinhos e bonecas indistintamente? Será que são estimulados a brincar com todos os brinquedos e a participar de todas as brincadeiras independentemente de serem meninos ou meninas? É assim que essa temática passa a compor meu interesse de pesquisa, e percebi, no Curso de Especialização em Estudos de Gênero, uma oportunidade para dar continuidade às minhas inquietações.

No decorrer dos semestres no Curso de Especialização em Estudos de Gênero e com as disciplinas cursadas, apresentaram-se abordagens relevantes para compreender o conceito de gênero e os desafios de investigar um tema o qual me inquietava, além de se perceber que os estudos sobre a temática são de muita relevância. Segundo Helnorn (2004), os estudos de gênero evidenciam a possibilidade de reverter injustiças e construir um horizonte equânime na relação entre homens e mulheres.

Refletir sobre essas questões me fez compreender que as experiências que as crianças vivenciam na escola podem interferir na construção do entendimento do que é um sujeito e no modo de construção de si, bem como no desenvolvimento de uma sociedade mais justa. Essa formação do sujeito inicia ainda no ventre da mãe, nas expectativas que são feitas quando uma criança vai nascer, de acordo com o sexo biológico: constrói-se expectativa sobre o bebê ser menino ou ser menina. Após o nascimento, com vistas a atender àquilo que se espera de um menino ou de uma menina, inicia-se um direcionamento para aquilo que a sociedade entende como propício para cada um ou cada uma. Meninas passam a ser educadas para serem dóceis, obedientes e comportadas, enquanto meninos são educados para serem fortes, audaciosos e aventureiros. Essas construções trazem prejuízos às meninas e

mulheres, uma vez que elas são colocadas em desvantagem e, em certa medida, educadas para serem “delicadas, organizadas e obedientes” (VIANNA; FINCO, 2008, p. 279).

A escola, quando não problematiza essa polarização e essa diferenciação, pode contribuir para esse processo, operando na continuidade da construção de identidades marcadas por binarismos e hierarquias. Entendendo que algumas escolas têm práticas que problematizam essa forma de educar meninos e meninas e considerando a importância de professores e professoras na proposição de práticas que ofereçam a possibilidade de experiências diversas às crianças, penso que é importante conhecer através das professoras e dos professores. Sendo assim, o objetivo geral deste artigo é compreender as percepções de gênero de alguns docentes da Educação Infantil, de que modo são pensadas as práticas pedagógicas para as crianças e se tais práticas possibilitam problematizar questões de gênero no contexto escolar por meio da escuta de docentes da Educação Infantil.

Outro aspecto importante é trazer para essa reflexão a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2017), uma vez que esse é um documento mandatório, que orienta a composição dos currículos da educação básica. Assim os objetivos específicos corresponde no propósito de chamar atenção para o prejuízo da ausência dessa temática — as questões de gênero — no documento e trabalhar questões de gênero exige olhar para esses documentos e apontar aspectos que podem ajudar ou dificultar a discussão sobre esse tema no contexto escolar.

Neste artigo, não nos propomos a pensar todas as discussões polêmicas que o documento suscita em nosso país, tampouco em relação a gênero. O que queremos é apresentar o que as professoras e o professor entrevistados nos trouxeram em suas narrativas sobre o assunto e em que medida questões de gênero são contempladas pelas práticas desenvolvidas com as crianças.

Trago ainda uma experiência vivenciada por mim como professora em uma escola, relacionada a um problema enfrentado em uma determinada aula, de acordo com o relato a seguir. Uma menina e um menino discutiam. Em um dado momento, a menina expressou em tom alto que o menino era feio e que tinha os olhos muito grandes. Naquele instante, o menino começou chorar, e a sala toda viu. Um dos outros meninos disse: “Que feio, homem não chora!”. Após ouvir tudo isso das crianças, iniciei um longo diálogo com a turma e fiz o seguinte questionamento: “por que homem não chora?”. Conversamos sobre o tema e sobre a importância de as pessoas

expressarem seus sentimentos, pois, independentemente de ser menino ou menina, o choro é algo que expõe o que nós, humanos, sentimos. Homem, mulher, criança, idoso, jovem, todos choram e podem, sim, chorar! No desfecho dessa situação, depois de expor essa fala com as crianças, notei que algumas delas começaram a se olhar, e justamente o menino que havia dito que “homem não chora” pediu desculpas pelo que tinha falado. A menina que havia ofendido o menino que, depois, chorou também pediu desculpas.

Percebe-se, por esse relato, que alguns comportamentos decorrem das construções sociais sobre o que se entende por ser homem e por ser mulher. Estas, muitas vezes, são fundadas no senso comum e expressam modos de ser aceitáveis para homens e mulheres, ou seja, “homem não chora”, “isto é coisa de mulher”, “seja homem”, “a mulher é assim mesmo, o sexo frágil”. Nunes e Silva (2006) revelam que esses conceitos e significações encontram-se submersos em e disfarçados de uma suposta igualdade aparente nessas representações, mas, ao sinal da primeira crise ou do primeiro conflito, afloram feito um preconceito dos mais cristalinos. Nesse sentido, eis a importância das discussões e da reflexão sobre as implicações do tema na organização da prática pedagógica e dos conhecimentos sobre gênero.

Neste trabalho, baseamo-nos nas considerações de Scott (1995), de Finco (2003) e de Louro (2008) para pensar o conceito de gênero. Nesta perspectiva para pensarmos na desmitificação, em outras palavras, na necessidade de trabalharmos o conceito de gênero nas escolas e nas práticas pedagógicas, Louro (1998), nos convida para a seguinte reflexão:

Afinal, é “natural” que meninos e meninas se separem na escola, para os trabalhos de grupos e para as filas? É preciso aceitar que “naturalmente” a escolha dos brinquedos seja diferenciada segundo o sexo? É de se esperar que os desempenhos nas diferentes disciplinas revelem as diferenças de interesse e aptidão “características” de cada gênero? (LOURO, 1998, p. 64).

O presente artigo está subdividido em três seções. Na primeira seção, discutiremos algumas especificidades sobre gênero, BNCC (BRASIL, 2017) e escola, buscando entender o papel da escola na construção das identidades de gênero nos contextos da Educação Infantil. A segunda seção trata da vinculação das práticas pedagógicas com princípios teóricos dos estudos de gênero, de modo a evidenciar a importância do diálogo sobre o tema entre professores/professoras, gestores e comunidade escolar e a relação com as práticas pedagógicas, bem como a

metodologia adotada para a elaboração desta reflexão. Já na terceira seção, propomo-nos a apresentar as narrativas produzidas por três docentes que atuam nos contextos de Educação Infantil, com o intuito de entender suas percepções sobre gênero e a influência dessas nas práticas pedagógicas.

1 ELEMENTOS METODOLÓGICOS: QUAIS CAMINHOS SEGUIMOS?

Esta pesquisa tem como objetivo compreender as percepções de gênero de alguns docentes da Educação Infantil, de que modo são pensadas as práticas pedagógicas para as crianças e se tais práticas possibilitam problematizar questões de gênero no contexto escolar. Para isso, buscamos revisar alguns dos conceitos teóricos dos estudos de gênero desenvolvidos por Louro e Finco (2003). Para elaborar esta pesquisa, foram empregados dois procedimentos importantes: o primeiro foi o levantamento teórico sobre o conceito de gênero, e o segundo, a aplicação de um questionário com questões abertas como instrumento de produção de dados.

Em termos metodológicos, segundo Andrade (2001), a pesquisa é o conjunto de procedimentos sistemáticos que tem por objetivo encontrar explicações para alguns problemas. Gil (2006) define a pesquisa bibliográfica, que corresponde ao primeiro momento deste estudo, como uma fonte de saberes teóricos que, segundo ele, considera os níveis de pesquisa o ponto principal para elaborar a delimitação do tema estudado. Apresentando uma perspectiva qualitativa, esta pesquisa destinou-se a analisar as situações narradas pelos professores da Educação Infantil sobre suas práticas pedagógicas atreladas às questões de gênero.

Nesse sentido, o instrumento de produção dos dados da pesquisa foi a aplicação de um questionário com questões abertas, enviado através de *e-mail*, e a análise reflexiva das respostas das duas professoras e do professor, sujeitos da investigação em questão.

Os sujeitos participantes da pesquisa são duas professoras e um professor da Educação Infantil: as professoras atuam em uma escola municipal de Santa Maria, e o professor, em uma escola do município de Júlio de Castilhos. Esse processo de produção de dados foi realizado entre os meses de dezembro de 2020 e janeiro de 2021. Depois de finalizar essa etapa, em fevereiro de 2021, a análise inicial dos dados produzidos pelos sujeitos nos permitiu a construção dos seguintes eixos temáticos: (1) prática pedagógica e gênero, (2) planejamento e gênero, (3) episódios sobre a

questão de gênero em sala de aula e (4) problematização de gênero na formação pedagógica.

Assim, a partir dessa busca investigativa e metodológica, desenvolvemos a pesquisa que principiou a escrita do presente artigo. Este se preocupa com as questões norteadoras da temática de gênero, considerando os relatos das duas professoras e do professor da Educação Infantil, nas práticas pedagógicas e também com a maneira como tais questões são abordadas nas escolas através das narrativas que aqui apresentamos.

2 DISCUSSÕES DE GÊNERO ENTRE A BNCC E A ESCOLA: ISSO É POSSÍVEL?

Quando o assunto é gênero na escola, os ânimos já se exaltam, mais ainda quando há confusão, por parte de grupos conservadores de nosso país, do tema com questões da ordem da sexualidade, insinuando-se que se está forçando mudanças nas identidades.

Neste artigo, defendemos que essa discussão é de fundamental importância para a formação de professores, uma vez que são esses debates que podem nos levar a compreender a estrutura patriarcal de nossa sociedade, que prejudica, em especial, as meninas, mas também, em alguma medida, os meninos, já que todos precisam se enquadrar nos padrões socialmente aceitos. Considerando o exposto, buscamos entender como o tema é tratado na escola, entre os docentes, e se isso impacta nas práticas pedagógicas propostas nos contextos da Educação Infantil.

Os currículos escolares são elaborados a partir de orientações legais, que envolvem tanto os documentos oficiais como os processos de interlocução com gestores locais e comunidade escolar. É muito importante refletir sobre os currículos, porque são eles que guiam a construção das práticas pedagógicas no contexto escolar.

A escola é o lugar onde ocorre a socialização, as aprendizagens, as vivências das crianças e, ao mesmo tempo, a integração dos saberes entre os sujeitos. Com base nessa perspectiva, entende-se a escola como um espaço construtivo, que forma sujeitos e cidadania. Quando abordamos gênero, é preciso perceber que o diálogo sobre o tema interfere no desenvolvimento da cidadania nos sujeitos, possibilitando-os compreenderem seus direitos. Considerando a importância do tema, indagamos: em que medida a escola contempla as questões de gênero? Esse questionamento é

importante, porque sabemos que o modo como as práticas se dão possibilita entender as múltiplas formas de ser sujeito.

A identidade de gênero é uma construção social a partir da qual, atravessados por “diferentes discursos, símbolos, representações e práticas, os sujeitos vão se construindo como masculinos ou femininos, arranjando e desarranjando seus lugares sociais, suas disposições, suas formas de ser e de estar no mundo” (LOURO, 1997, p. 28).

Frequentemente, nas escolas, notamos que há a separação nas filas, onde se apresentam espaços diferentes para as meninas e para os meninos. Outras vezes, percebemos que os meninos são controlados e desencorajados quando querem participar de brincadeiras que envolvam cuidar, cozinhar, limpar e usar fantasias, contribuindo para a reafirmação da identidade normativa aceita pela sociedade como única possível. Foucault (2014) discorre que a escola é, ainda (apesar das críticas), um forte lugar de produção do corpo e de identidades, uma “maquinaria” que, por meio do controle do corpo, da ação, do tempo, das sequências e dos discursos, produz o corpo infantil e juvenil dentro de normas estabelecidas.

A escola contribui para a construção dos sujeitos através de relações de poder e de discursos sobre gênero, impondo comportamentos de forma engessada, sem haver oportunidade de discutir o tema na formação continuada.

Nessa conjuntura, Schutz et al. (2019) percebem que professoras se sentem inseguras para tratar desse tema, tanto com as crianças como com as famílias, muito embora esse assunto deva ser dialogado na escola.

Abordar esse tema na escola é fundamental, uma vez que a discussão possibilita compreender que se trata das implicações tanto pedagógicas quanto políticas da formação do sujeito, como afirma Louro (1995):

[...] vale a pena reafirmar, com muita clareza, que a opção por uma história da educação na perspectiva do gênero é mais do que uma opção teórica ou pedagógica; é uma opção política, supõe um engajamento numa perspectiva feminista. (LOURO, 1995, p. 124).

É importante que docentes tenham a oportunidade de entender o próprio posicionamento, para poderem perceber que, muitas vezes, mesmo de modo inconsciente, reafirmam preconceitos e hierarquias, como, por exemplo, quando dizem que as meninas não podem jogar futebol ou que meninos não devem chorar,

porque parecem mulherzinha. É também no ambiente escolar que, o tempo todo, ocorrem aprendizagens e circulam saberes, os quais podem operar tanto na desconstrução de estereótipos quanto na reafirmação destes. Essas discussões são de fundamental relevância para o enfrentamento de instituições de caráter moralista e conservador, que definem a mulher como alguém que deve submeter-se ao pai e depois ao marido e que determinam que homens devem ser fortes, valentes e dominadores. Tais diálogos podem oferecer aos professores e às professoras a possibilidade de refletir sobre a construção dos sujeitos e a influência da cultura, da mídia e da religião sobre essa construção. Nesse sentido, questiona-se: o professor, e a escola como um todo, estão preparados para tais discussões?

Para entendermos esse questionamento, Louro (1999) apresenta outra reflexão, que, apesar de ser relativa ao livro didático, nos ajuda a pensar sobre o tema no contexto escolar:

Os livros didáticos e paradidáticos, têm sido objeto de várias investigações que neles examinam as representações dos gêneros, dos grupos étnicos, das classes sociais. Muitas dessas análises têm apontado para a concepção de dois mundos distintos. (um mundo público masculino e um mundo doméstico feminino), ou para a indicação de atividades “características” de homens e atividades de mulheres. [...] A separação de meninas e meninos é, então, muitas vezes estimuladas pelas atividades escolares, que divide grupos de estudos ou que propõe competições [...]. (LOURO, 1999, p. 74-79).

Ao tratar de ambiente escolar, notamos que as normas que o regulamentam são organizadas de acordo com a legislação vigente, que prevê inclusive a formação continuada. Entretanto, nem sempre esse tema é pauta nas formações dos docentes, os quais precisam entender a influência do contexto cultural e dos inúmeros artefatos marcadamente sexistas, machistas e preconceituosos, o que faz com tenhamos que estar sempre vigilantes para não cair em armadilhas.

Falar sobre gênero, de acordo com Scott (1995), é compreender que há relações de poder que o envolvem, que existem os sujeitos e as relações que estabelecem com os demais, que as experiências pessoais são atingidas e que o processo formativo dos sujeitos é impactado.

Quando se trata do contexto escolar, esse assunto tem causado controvérsias, especialmente após o ano de 2016, ocasião em que as bancadas conservadoras tiveram mais acesso e interferiram na formação de políticas no Brasil. Um exemplo

disso está não só na visão binária de gênero, mas também naquilo que se tratou como ideologia de gênero.

A utilização da terminologia ideologia de gênero em nada tem a ver com o conceito analítico proposto pelos estudiosos das questões de gêneros e sexualidades. O uso conceitual de *ideologia de gênero* visa deslegitimar e desqualificar as proposições presentes nos estudos de gêneros e sexualidades, que é analisar a sociedade a partir destes dois marcadores e pensar em propostas norteadas pelos Direitos Humanos. (ACOSTA; GALLO, 2020, p. 10).

Nesse contexto, as discussões de gênero na Educação Infantil historicamente, no âmbito nacional, têm promovido uma série de indagações sob, de certo modo, censura, amedrontando professores que desejam discutir o tema na Educação Infantil, lugar em que as crianças convivem com seus pares e aprendem através das interações e brincadeiras.

Quanto à Educação Infantil, de acordo com a BNCC (BRASIL, 2017) define como sendo:

Primeira etapa da Educação Básica, a Educação Infantil é o início e o fundamento do processo educacional. A entrada na creche ou na pré-escola significa, na maioria das vezes, a primeira separação das crianças dos seus vínculos afetivos familiares para se incorporarem a uma situação de socialização estruturada. (BRASIL, 2017, p. 36).

Essa etapa de escolaridade da criança é o momento pelo qual ela passará por experiências, vivências e interações sociais que influenciarão o processo de construção de identidade, já que, como Finco e Oliveira (2011) apontam, é no convívio social que as crianças constroem as suas identidades e aprendem os significados de serem meninas ou meninos, negras ou brancas. De acordo com as DCNEI (BRASIL, 2009), as práticas pedagógicas na Educação Infantil devem garantir experiências que “possibilitem vivências éticas e estéticas com outras crianças e grupos culturais, que alarguem seus padrões de referência e de identidades no diálogo e conhecimento da diversidade”.

Finco e Oliveira (2011) argumentam também que as interações entre adultos e crianças e das crianças com seus pares na Educação Infantil exige a “análise relacional entre infância, gênero, raça, idade e geração, ou seja, requer a análise da questão de poder contido nas relações que permeiam os processos de socialização” (FINCO; OLIVEIRA, 2011, p. 62). Nesse sentido, os documentos que orientam o

currículo são uma peça fundamental na construção de práticas que problematizam gênero.

Em relação à BNCC (BRASIL, 2017), de acordo com o Ministério da Educação, ela consiste em um documento orientador dos currículos de toda a educação básica, e a elaboração da primeira versão, em 2015, foi “fruto de amplo processo de debate e negociação com diferentes atores do campo educacional e com a sociedade brasileira” (BRASIL, 2017, p. 5). A BNCC teve ainda outras duas versões: uma segunda, de 2016, que sofreu inúmeras mudanças, em especial relativas à exclusão das expressões gênero e sexualidade; e uma terceira versão, de 2017, que é oficial hoje e que pouco faz referência às questões de gênero. Tanto a segunda quanto a terceira versões desconsideraram aspectos colocados na primeira versão que haviam sido pensados em conjunto com a sociedade, os professores e os pesquisadores.

A versão de 2017 não levou em consideração os debates e as decisões tomadas pelo conjunto da sociedade, sendo decidido de forma arbitrária o que deveria compor o texto da BNCC. A Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd) encaminhou a revisão desse documento para o Conselho Nacional da Educação, porque, segundo a Associação, a terceira versão da Base não apenas constituiu-se de ajustes, adequações e enxugamentos próprios de qualquer revisão textual, mas também — o que foi mais grave — houve um silenciamento sobre questões de gênero e sexualidade. De algum modo, ocorreu um cerceamento da narrativa de professores e pesquisadores que consideravam alguns temas de fundamental importância para a construção de uma sociedade menos sexista, machista e preconceituosa (ANPED, 2017).

Ao consultar a BNCC e procurar a palavra “gênero”, somente encontramos menção aos gêneros textuais, aqueles que se referem à Língua Portuguesa ou à Literatura. Em outras palavras, o conceito de gênero não é discutido nesse documento. Na perspectiva dessa falta de discussão na BNCC, Acosta e Gallo (2020) apontam que

[a] produção do pânico moral propagandeada por estes atores tem como objetivo i) deslegitimar os estudiosos de gêneros e sexualidades, ii) estigmatizá-los como responsáveis por destruir a família tradicional, iii) afirmar que buscam impor uma ditadura da minoria (ou uma política identitária não heteronormativa) e, por fim, iv) construir o senso comum de que querem desvirtuar e implodir os valores morais conservadores-cristãos. (ACOSTA; GALLO, 2020, p. 10).

A BNCC, como documento orientador do currículo, deveria ser indutor de discussão sobre gênero na escola, mas a ausência da temática deixa explícito o interesse do Estado pela regulação dos corpos e pela permanência de processos de dominação e controle em nossa sociedade. Provoca ainda insegurança no corpo docente, que sofre ameaças ao abordar o tema. Embora seja um tema delicado para tratar no nível de Educação Infantil, consideramos importante dialogar com as professoras, visando entender de que modo são organizadas as suas práticas nesses contextos educativos e em que medida as questões de gênero interferem na construção das propostas pedagógicas.

3 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM DIÁLOGO COM CONCEITO DE GÊNERO

Entender no que consiste a prática pedagógica é fundamental para que possamos apreender os sentidos teóricos dessa prática no cotidiano dos professores no contexto educativo. Existem diversos estudiosos que nos trazem a explicação para tal termo, como Vieira e Zaidan (2010):

A Prática Pedagógica é entendida como uma prática social complexa acontece em diferentes espaços/tempos da escola, no cotidiano de professores e alunos nela envolvidos e, de modo especial, na sala de aula, mediada pela interação professor-aluno-conhecimento. Nela estão imbricados, simultaneamente, elementos particulares e gerais. Os aspectos particulares dizem respeito: ao docente — sua experiência, sua corporeidade, sua formação, condições de trabalho e escolhas profissionais; aos demais profissionais da escola suas experiências e formação e, também, suas ações segundo o posto profissional que ocupam; ao discente — sua idade, corporeidade e sua condição sociocultural; ao currículo; ao projeto político-pedagógico da escola; ao espaço escolar — suas condições materiais e organização; à comunidade em que a escola se insere e às condições locais. (VIEIRA; ZAIDAN, 2010, p. 21).

A prática pedagógica é ampla, já que abarca tanto as pessoas como os contextos socioculturais em que elas vivem, bem como valores, ideologias e crenças. Nesse sentido, o papel do professor e da professora é relevante em todos os momentos de suas práticas, pois, na interação com crianças, eles contribuem para que elas, por meio da aprendizagem, construam sentidos sobre o mundo. É o docente, em suas ações e experiências, que organiza e elabora o planejamento que envolve as questões socioculturais das crianças. Isso, no entanto, precisa ser feito a partir de uma escuta e de um olhar atentos aos alunos. Desse modo, o professor assume a

função de agente reflexivo, ou seja, é aquele que organiza as ações em sala de aula e interfere significativamente na construção do conhecimento da criança (SACRISTÁN, 1999).

Reconhecer essa prática como significativa para ambos os protagonistas do processo educativo — docentes e discentes — requer uma compreensão da importância da mídia, do capitalismo e da religião para pensar o contexto no dia a dia de uma sala de aula. Esses fenômenos não ocorrem isolados; são fatores externos socioculturais que influenciam a formação humana do sujeito.

Nesse contexto, Freire (1996) nos aponta uma concepção de prática pedagógica adjetivada pelo termo “dialógica”, na qual a construção do conhecimento é vista como um processo realizado por ambos os atores, professor e criança, em direção a uma leitura crítica da realidade. Partindo desse pressuposto, Fernandes (1999) reforça a seguinte perspectiva:

[...] prática intencional de ensino e aprendizagem não reduzida à questão didática ou às metodologias de estudar e de aprender, mas articulada à educação como prática social e ao conhecimento como produção histórica e social, datada e situada, numa relação dialética entre prática-teoria, conteúdo forma e perspectivas interdisciplinares. (FERNANDES, 1999, p. 159).

A partir do contexto histórico e social da luta das mulheres e do movimento feminista, iniciaram as definições e os estudos de gênero. O próprio conceito de gênero abarca inúmeras possibilidades de análise de questões complexas vivenciadas em nossa sociedade. Podemos citar as questões que envolvem violência contra a mulher, direitos das mulheres, direitos das pessoas LGBTQI+, abuso, identidade de gênero, divisão sexual do trabalho e exploração.

Neste trabalho, abordamos gênero considerando a importância da discussão do conceito, para pensar práticas pedagógicas na infância que possam problematizar binarismo, hierarquias e assimetrias que ocorrem entre meninos e meninas no contexto escolar. Destacamos aqui o que entendemos por gênero, com base em Scott (1990):

Gênero é um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, que fornece um meio de decodificar o significado e de compreender as complexas conexões entre as várias formas de interação humana. É a construção social que uma dada cultura estabelece ou elege em relação a homens e mulheres. (SCOTT, 1990, p. 19).

Reafirmamos ainda a relevância de estudos sobre o tema, para que possamos problematizar o modo como estamos organizados socialmente. Além do próprio conceito, os estudos também definem a identidade de gênero como processos de construção e ressignificação dos papéis exercidos pelo homem e pela mulher na sociedade.

Scott (1995) afirma que a palavra “gênero” parece ter surgido entre as feministas americanas, que queriam enfatizar o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo. A palavra indicava uma rejeição do determinismo biológico implícito no uso de termos como “sexo” ou “diferença sexual”.

Quando se pensa na identidade das crianças, é preciso inicialmente entendermos que, antes de ingressar na escola ou na creche, essa criança insere-se no meio familiar, e ali começam as primeiras relações e interações sociais com o outro. Para Vygotsky (1996) e Wallon (1956/1975), é através das interações da criança com o adulto e com os seus pares que ocorre a diferenciação do eu e do outro e que, assim, se configura o eu infantil e as diversidades em torno dos sujeitos: as crianças.

Nesse sentido, precisamos compreender o que é identidade de gênero. Em Brasil (2011), consta que “identidade de gênero é a experiência interna e individual de cada pessoa, que pode ou não corresponder ao sexo biológico” (BRASIL, 2011, p. 11). Em outras palavras, são os contextos sociais que delineiam, ao longo da história cultural de uma sociedade, os protagonismos e as funções sociais previstas tanto para os homens quanto para as mulheres.

4 NARRATIVAS DAS PROFESSORAS SOBRE GÊNERO E AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Para a construção dos dados desta investigação, buscamos trazer narrativas de duas professoras e de um professor que atuam em contextos da Educação Infantil. A partir de uma carta convite, os sujeitos da pesquisa foram convidados a responder um questionário com perguntas abertas. Participaram da pesquisa três docentes da rede pública municipal: as professoras atuam em Santa Maria, e o professor, em Júlio de Castilhos. Todos os sujeitos da pesquisa são formados em Licenciatura em Pedagogia, sendo uma das docentes também Mestre em Educação, e o outro professor, Especialista em Gestão Educacional.

Quando optamos por narrativas, precisamos entender que esse é um momento no qual os entrevistados — aqui, no caso, as duas professoras e o professor —, como sujeitos da narrativa, exprimirão as suas percepções do vivenciado, do experienciado em sala de aula sobre as questões de gênero na Educação Infantil. Mas o que é uma narrativa de fato? Segundo Josso (2002), define-se que

[...] a situação de construção da narrativa, exige a narração de si, sob ângulo da sua formação, por meio do recurso a recordações-referências que balizam a duração de uma vida, exige uma atividade psicossomática em vários níveis. No plano da interioridade, implica deixar-se levar pelas associações livres para evocar as suas recordações-referências e organizá-las numa coerência narrativa à volta do tema da formação. A socialização da autodescrição de um caminho, com as suas continuidades e rupturas, implica igualmente competências verbais e intelectuais que estão na fronteira entre o indivíduo e o coletivo. (JOSSO, 2002, p. 28).

Nessa perspectiva, elaboramos um roteiro sobre o tema gênero na Educação Infantil e para cada eixo correspondente nessa organização investigativa, selecionamos, uma pergunta para cada eixo mensurado no decorrer da intervenção da pesquisadora e autora do presente Artigo. A partir das narrativas, organizamos quatro eixos temáticos, buscando compreender o que as professoras e o professor trazem em seus relatos acerca de gênero em suas práticas pedagógicas e na vivência em escola: (1) prática pedagógica e gênero, (2) planejamento na perspectiva de gênero, (3) episódios sobre a questão de gênero em sala de aula e (4) problematização de gênero na formação pedagógica.

Ao serem questionados sobre questões relacionadas a gênero, percebemos que os sujeitos da investigação vivenciam muitas situações no cotidiano, de forma que as discussões sobre o tema ficam evidenciadas em suas práticas pedagógicas. Além disso, existem muitas coisas que são naturalizadas e, em geral, não são percebidas nesse cotidiano.

Pergunta da pesquisadora sobre o eixo “prática pedagógica e gênero”:
Para você professor(a) que atua na Educação Infantil, relate algum momento que em sua prática pedagógica percebeu aspectos relacionados as questões de gênero.

Professor Romeu:

Desde o começo de minhas vivências em sala de aula, seja como estagiário, auxiliar de classe, professor volante e professor regente, sempre acompanhei momentos que me fizeram refletir a respeito das questões de gênero. Essas percepções foram desde ideias muito bacanas e de agregação às propostas, visando um melhor aproveitamento da temática desde a educação infantil,

assim como atitudes muito agregadas a valores machistas, morais e tradicionais de acordo com a região/cidade.

Professora Amélia:

São muitos os aspectos relacionados às questões de gênero na prática pedagógica na Educação Infantil, posso dizer que o nosso cotidiano dentro da escola da infância é mergulhado nestas questões. São as cores que entram em discussão se é cor de menino ou menina, os brinquedos, as brincadeiras, as fantasias, os espaços organizados para as práticas entre outros. Vou relatar brevemente um momento vivenciado aqui na escola com a minha turma. Eu tenho um aluno que é encantado em explorar as fantasias, um dia ele colocou o vestido da Branca de Neve e sentia-se maravilhado de poder estar vestido com uma fantasia que realmente gostava. Naquele dia um colega não quis ficar sentado perto dele e nem brincar junto porque estava de vestido. Mas ele não se importou com a situação e continuou a brincar, dançar e rodopiar com o vestido.

Professora Carolina:

Durante minha prática percebi aspectos relacionados às questões de gênero envolvendo os adultos, mais precisamente aos familiares das crianças. Certa vez fiz pastas para a entrega dos pareceres e as crianças escolheram a cor. Um menino da turma optou pela cor rosa e o pai me perguntou ao receber a pasta se tinha sido seu filho quem havia escolhido, respondi que sim. Ele me falou que rosa era a cor preferida do filho e que em casa a família não interfere nessa opção, pois não associam a cor rosa a uma cor “para meninas”.

Considerando o que as duas professoras e o professor entrevistados disseram, percebemos que as questões relativas a gênero nos possibilitam entender que a formação continuada tem causado efeito, pelo menos em relação à percepção do que ocorre na relação entre as crianças nos momentos de interações e no cotidiano das práticas pedagógicas em sala de aula.

Buscamos entender também como acontecem as práticas pedagógicas que problematizam questões de gênero. Uma vez que os docentes têm a percepção de que há algo que se revela nas brincadeiras das crianças, foi questionado algo específico sobre o planejamento de atividades.

Pergunta da pesquisadora sobre o eixo “planejamento na perspectiva de gênero”:

Sabemos que o planejamento é a base fundamental de organização quando trata-se de atuar como professora. A partir desse aspecto, ou seja da intencionalidade do educador, em algum momento foram organizados propostas pedagógicas que incluíssem perspectiva de gênero?

Professor Romeu:

Tento sempre elaborar propostas que visem essa desconstrução de que algo é somente próprio de um gênero, e, como exemplo, trago um momento que de maneira integral na turma, foi elaborada uma proposta apenas com bonecas/bonecos e a partir dali, as crianças poderiam explorar suas imaginações e brincar da sua maneira, mas tendo foco central estar com essas bonecas/bonecos. Pode parecer simples, mas com tal proposta, observou-se que os meninos puderam aproveitar esse espaço e escolher entre uma boneca (em sua maioria escolheram essas) e bonecas e assim

brincar de casinha, de médico, de pais, de professores, etc. O mesmo valeu pelas meninas, que tiveram o mesmo aproveitamento, embora no cotidiano seja mais fácil as suas adaptações em brincadeiras e propostas do tipo. Lembrando que essa proposta foi desenvolvida em um espaço geográfico com características tradicionais (gaúchas) muito presentes e com a presença do machismo muito presente, evidente e perpetuado com orgulho.

Em outro momento, o professor Romeu destaca:

Minha intencionalidade é essa, de promover espaços e brincadeiras que não visem priorizar apenas um gênero e sim agregar diversão, aprendizados e interação a todos. Eu tento sempre pautar meus planejamentos com a base de promover uma desconstrução destas perspectivas divisórias de gênero e meu esforço tem surtido pequenos efeitos. Por exemplo, quando elaboro um espaço de cozinha/restaurante, penso que aquele não é um espaço apenas para as meninas, mas sim para os meninos também, assim como um espaço com materiais de ferramentas/construção. Incentivo para que seja menina ou meninos, que participem desse espaço e também incentivo a cada criança convidar outras para brincarem, sem pensar em distinções. Mas é algo que muitos perpetuam, seja por seus valores familiares e/ou culturais, embora eu veja que isso esteja mudando, aos poucos. Espero que mais colegas docentes também pensem a respeito e incentivem para que tais distinções e segregações entre gêneros, dentro do âmbito escolar, não sejam mais difundidos e perpetuados.

A professora Amélia contextualiza o seguinte:

Sempre organizo intencionalmente espaços para trabalhar com a turma de uma maneira lúdica as questões de gênero, raça e diferenças. Como banho nas bonecas para os meninos participarem junto com as meninas, o papel de destaque para a menina sendo a médica, a heroína, as fantasias estão organizadas para que todos possam escolher livremente o que gostam, como acessórios e sapatos de muitos modelos.

Já a professora Carolina afirma:

O planejamento e a organização dos espaços são realizados na perspectiva de possibilitar às crianças vivências e explorações, não há uma preocupação em relação a brinquedos de meninas ou de meninos, cada criança pode optar por brincar com o material, objeto ou brinquedo que quiser.

Segundo narraram as duas professoras e o professor, em muitos momentos observa-se que, nas interações e brincadeiras das crianças, há questionamentos em relação à naturalização de comportamentos de meninos e meninas, por exemplo, por iniciativa das próprias crianças. Isso nos faz perceber que o trabalho realizado pelas professoras e pelo professor pode ter provocado algumas rupturas em relação a essa naturalização.

Sabe-se que as crianças são produtoras de cultura (FINCO, 2010; FARIA, 2007; CORSARO, 2011), no entanto o contexto social imprime modos de ser continuamente, promovendo tanto uma lógica binária quanto estereótipos de gênero, e a escola pode operar na manutenção desses modos, como afirma Louro (2008). Entretanto, quando acontecem a formação e a discussão entre as docentes sobre essas questões, podem-se ver indícios de mudanças, como relata a professora Amélia:

Mesmo que as normativas da sociedade ainda imponham estas distinções entre coisas de meninos e coisas de meninas, eu vivenciei iniciativas que partiram das próprias crianças e que com certeza fazem isso ainda mais a diferença. Em uma dessas vivências, enquanto explicava que as cores dos lápis de cor eram para serem aproveitadas e usadas por todos, por gosto de cada um em particular. Em determinado momento um menino escolhe o lápis de cor rosa e o colega do lado diz que é uma cor de meninas, e ele então devolve o lápis rosa ao pote. Uma colega viu tal situação e pegou o lápis rosa e entregou ao menino, dizendo: 'Pega, foi o que tu mais gostou né?!' E o menino, ainda que envergonhado pegou e pintou. Essa cena jamais saiu da minha cabeça e com certeza foi algo marcante, principalmente por essa iniciativa de ajudar o colega a escolher a sua própria cor de lápis de pintar ter partido de outra criança. São nesses momentos que tento lembrar e não deixar com que minha esperança e trabalho em prol disso jamais fique negativo, para baixo ou desmotivado.

A professora Amélia também percebe algo diferente, porém destaca-se a reação da criança, que, embora o colega se afaste, permanece vestida conforme sua escolha:

Vou relatar brevemente um momento vivenciado aqui na escola com a minha turma. Eu tenho um aluno que é encantado em explorar as fantasias, um dia ele colocou o vestido da Branca de Neve e sentia-se maravilhado de poder estar vestido com uma fantasia que realmente gostava. Naquele dia um colega não quis ficar sentado perto dele e nem brincar junto porque estava de vestido. Mas ele não se importou com a situação e continuou a brincar, dançar e rodopiar com o vestido.

Há algo novo que se evidencia na narrativa da professora Carolina, relacionado àquilo que anteriormente suspeitávamos em relação à formação continuada:

Na minha prática pedagógica não enfrentei dificuldade ou interferência em relação às propostas planejadas. Como na escola em que atuo essas questões são estudadas há algum tempo, as crianças agem com naturalidade às brincadeiras e não há diferença entre as brincadeiras. Temos fantasias, sapatos que podem ser vestidos e calçados por todas as crianças que desejarem fazer.

Quando questionadas e questionado sobre a importância da formação sobre gênero, todas as narrativas evidenciam quão relevantes são o conhecimento, o diálogo e a discussão a respeito do tema, conforme destacamos a seguir, nas falas dos três participantes da pesquisa.

Pergunta da pesquisadora sobre a problematização de gênero na formação pedagógica:

No seu ponto de vista como professora na Educação Infantil é importante na escola ser discutido e problematizado Gênero na formação pedagógica? Se sim, contextualize a resposta.

Professor Romeu:

Com certeza, devemos falar sobre as questões de Gênero e muito mais dentro dos espaços escolares. Eu vivenciei na pele o que são essas distinções, pois escolher ser professor de educação infantil, um homem, homossexual assumido, com certeza foi algo desafiador, que não poderia ser, mas infelizmente é. Desde oportunidades foram deixadas justamente por eu ser homem e procurar um espaço na educação infantil, onde essa realidade mudou através da oportunidade de um emprego, onde pude acompanhar meu trabalho de bolsista e confiar depois em um cargo como docente, sem levar em consideração a questão de gênero. Hoje me encontro efetivado no serviço público, onde pude com minhas próprias competências e esforço conseguir tal espaço, mas foi difícil a caminhada até aqui. Justamente por essa minha história pessoal, que tento pautar e tentar desmitificar esses tabus e barreiras que existem a respeito da questão de gênero dentro da escola. Não é uma tarefa fácil, mas tenho esse propósito e quero lutar pelo mesmo e tenho a esperança que no futuro tais discussões e experiência sejam mais difundidas em âmbito escolar. Mas para isso acontecer é preciso de um engajamento geral, principalmente vindo das próprias escolas e do poder público. Enquanto os professores e gestores (da escola e políticos em geral), em sua totalidade, não souberem a importância e a relevância de tal discussão, acredito que os avanços vão ser a passos lentos. Precisamos quebrar distinções e oportunizar vivências as crianças, pensando em uma qualidade de ensino e de vida, fazendo com que elas possam explorar brinquedos, objetos, propostas e atividades que sejam para todos e não apenas para meninos ou apenas para meninas. Eu acredito nessa mudança e quero fazer parte da mesma, aprendendo e incentivando mais colegas e pessoas em geral neste propósito.

Professora Amélia:

A criança pequena é constituída por diversos discursos e diferentes instituições: a família, a escola, a igreja, os meios de comunicação, e são essas instituições que vão apontar e moldar as formas como os sujeitos, por meio dos discursos internalizados, vão se relacionar com o mundo onde estão inseridos. Nós professoras percebemos que os preconceitos acerca das questões de gêneros ainda encontram-se cristalizadas na sociedade e ressoam no cotidiano escolar, uma vez que a escola é constituída pela sociedade. É indispensável o estudo das questões de gênero na formação pedagógica, é preciso investir na criação de espaços que fomentem ampliação das discussões acerca desse e de outros temas que permeiam o ambiente escolar. Pois ao invés de reproduzir e salientar as diferenças se faz necessário que a mesma assuma seu papel de agente transformador para que juntos caminhemos em direção da construção de uma sociedade mais igualitária.

Professora Carolina:

Acredito de suma importância discutir e problematizar as questões de gênero em nossa formação pedagógica, pois a escola precisa estar preparada para as situações cotidianas que envolvem as crianças e suas famílias. A escola é um espaço que acolhe a diversidade, precisamos estar preparadas para o diálogo e não para julgamentos e preconceitos.

As narrativas impulsionaram-nos a pensar a importância de estudos de gênero nas formações docente e pedagógica dos professores. E isso é algo que não pode ocorrer isoladamente, mas sim com toda a comunidade escolar (equipe diretiva, coordenação pedagógica, professores e famílias).

Ao incluirmos essas narrativas como meio de investigação na formação docente à respeito dos estudos de gênero, adentramos no contexto da totalidade da vida e das experiências vividas por essas professoras e professor, e portanto as (re)significações de si mesmo. Diante dessa perspectiva, Josso (2008), define, a narrativa e histórias de vida como sendo:

[...] uma mediação do conhecimento de si na sua existencialidade que oferece, para a reflexão do seu autor, oportunidades de tomada de consciência dos vários registros de expressão e de representação de si, assim como sobre as dinâmicas que orientam a sua formação. (JOSSO, 2008, p. 19).

Assim nessa direção, notamos que, como indicam as narrativas dessas professoras e desse professor, muitos momentos em sala de aula e diversas questões vivenciadas pelas crianças proporcionaram reflexões a respeito de gênero. Da mesma maneira, através de seus planejamentos, percebe-se que há uma intencionalidade pedagógica que problematiza o que está naturalizado.

Compreendemos que é de suma importância que os docentes estimulem, em suas práticas pedagógicas em sala de aula, princípios de igualdade de direitos e de respeito para a construção de uma sociedade justa e igualitária. Também deve ser prezado o brincar espontâneo das crianças, independentemente do brinquedo que essas crianças venham a escolher, sendo meninas ou meninos. Os alunos elaboram, nessas brincadeiras, as interações sociais, as quais têm seu significado reforçado.

Nesse caso, segundo Lira (2007), há a transmissão de esquemas sociais e de comportamentos socialmente significativos, permitindo uma multiplicidade de relações.

Ainda sobre essas narrativas, a professora Amélia relata os aspectos relacionados às questões de gênero na prática pedagógica na Educação Infantil e

revela que, em seu contexto de trabalho, essas questões ainda são problematizadas. Exemplo disso são discussões sobre as cores, como se uma cor é de menino ou de menina, bem como sobre os brinquedos, as brincadeiras, as fantasias e os espaços organizados para as práticas pedagógicas. Essa atitude faz muita diferença.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tecemos, ao longo deste trabalho, algumas reflexões sobre práticas realizadas nos contextos educativos à luz de referenciais de gênero. Também apresentamos as narrativas de professores da Educação Infantil sobre as questões de gênero em suas práticas pedagógicas.

Diante disso, expomos agora algumas reflexões finais elaboradas ao longo da escrita do artigo, a qual possibilitou produzir, em particular, um pensamento reflexivo acerca também da minha trajetória e da minha formação como Licenciada em Pedagogia, na experiência vivenciada em uma escola de Educação Infantil. Naquele contexto, foi possível, como estagiária, apreciar momentos em que o gênero estava presente livremente nas minhas práticas pedagógicas e nas brincadeiras das crianças, uma vez que meninos brincavam de bonecas, e meninas, de carrinho.

Nesse sentido, a partir da observação das narrativas das professoras e do professor na presente pesquisa, percebemos que cada um deles traz, em seu relato, respostas para as buscas iniciais que me inquietavam e motivavam a investigar: se as questões de gênero são tratadas na Educação Infantil em outras escolas; se há compreensão, por parte de alguns docentes da Educação Infantil, das percepções de gênero; de que modo são pensadas as práticas pedagógicas para as crianças; e se essas mesmas práticas possibilitam problematizar questões de gênero no contexto escolar. Esses questionamentos foram respondidos através da escuta a docentes que atuam com crianças em contextos educativos.

Assim, esses sujeitos da pesquisa afirmaram, em suas narrativas, que são trabalhadas as questões de gênero em sala de aula. Eles relataram em detalhes os momentos que vivenciaram, quando se depararam com as falas e as ações das crianças nas brincadeiras e nas práticas pedagógicas, pensadas para a organização de contextos e espaços que contemplassem um planejamento no qual a criança — menina ou menino — fosse livre para brincar sem o rótulo cultural atribuído pela sociedade, segundo o qual menina brinca de boneca, e menino, de carrinho.

As narrativas nos possibilitaram compreender que é preciso pensarmos na formação do pedagogo e que, mesmo durante a trajetória formativa, são necessárias reflexões acerca dessa formação. Também faz-se fundamental tencionar investigar quais as narrativas dos professores a respeito de gênero em suas práticas pedagógicas na Educação Infantil e portanto corroborando ao nosso objetivo geral da pesquisa.

Ainda acerca de uma das intencionalidades específicas desse trabalho o de averiguar o que a BNCC (Base Nacional Curricular Comum) traz em seu contexto sobre os estudos de gênero na formação docente, entendemos após a análise desse documento a necessidade de constantes estudos investigativos, o porque esse tema, gênero, não é tratado de forma aprofundada e contextualizado na formação docente e na Educação.

Nesse sentido, para esta investigação, buscamos, na teoria de Scott (1990), a definição de gênero. Segundo a autora, gênero é um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, o qual fornece um meio de decodificar o significado e de compreender as complexas conexões entre as várias formas de interação humana, podendo, assim, nos ajudar a compreender o contexto.

Este trabalho nos trouxe uma oportunidade de pensar a importância da formação de professores e a necessidade de estudos de gênero na formação docente. Ainda, possibilitou-nos compreender que esse é um processo tanto complexo, que requer uma mudança na sociedade, quanto histórico, portanto não linear. Toda mudança enfrenta resistência, por isso é preciso luta e formação; é essencial também aprender a olhar, aprender a escutar, aprender a entender. Em um momento ou em outro na sala de aula, assuntos ou episódios sobre gênero poderão surgir. Com formação, essas situações podem ser problematizadas, pelo menos para acolher a diferença e lutar por uma sociedade justa, com respeito e igualdade de direitos.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, Tassio; GALLO, Silvio. A educação em disputa no Brasil contemporâneo: entre os estudos de gênero, a dita ideologia de gênero e a produção de uma “ideologia de gênese”. **Educação**, Santa Maria, RS, v. 45, p. 1-28, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/reeducacao>>. Acesso em: 6 nov. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEB, 2009.

CORSARO, Willian. **Sociologia da Infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

DEUS, Mariana; NUNES, Liliane; PAIVA, Núbia. A Construção da Identidade da Criança na Educação Infantil numa Perspectiva Histórico-cultural. **Olhares & Trilhas**, Uberlândia, v. 11, n. 1, p. 85-96, 2010. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/olharesetrilhas/article/view/13903/>>. Acesso em: 25 jan. 2021.

FARIA, Ana Lúcia Goulart. **O coletivo Infantil em creches e pré-escolas: falares e saberes**. São Paulo: Cortez, 2007.

FINCO, Daniela. Educação infantil, gênero e brincadeiras: das naturalidades às transgressões. **Múltiplas Leituras**, cidade, v. 3, n. 1, p. 119-134, jan./jun. 2010. Disponível em: <<https://anped.org.br/biblioteca/item/educacao-infantil-genero-e-brincadeiras-das-naturalidades-transgressoes>>. Acesso em: 21 jan. 2021.

_____. Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na Educação Infantil. **Pro-Posições**, Campinas, v. 14, n. 42, p. 89-101, set./dez. 2003. Disponível em: <<https://www.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/2212/42-dossie-fincod.pdf>>. Acesso em: 21 jan. 2021.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

_____. Gênero: questões para a educação. In: BRUSCHINI, Cristina; UNBEHAUM, Sandra. **Gênero, democracia e sociedade brasileira**. São Paulo: Editora 34, 2002. p. x-x.

_____. Uma leitura da História da Educação na perspectiva do gênero. **Projeto História**, São Paulo, v. 11, p. 31-46, 1994.

LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre. (Org.), **Corpo, gênero e sexualidade: discussões, gênero e sexualidade: discussões**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MARTINEZ, Lucas da Silva; SALVA, Sueli. Gênero e protagonismo feminino em Star Wars: análise de notícias veiculadas em sites e blogs. **Textura**, Canoas, v. 22, n. 49, p. 41-63, jan./mar. 2020. Disponível em: <<http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/5005/3665>>. Acesso em: 20 jan. 2020.

ROLIM, Amanda; GUERRA, Siena; TASSIGNY, Monica. Uma leitura de Vygotsky sobre o brincar na aprendizagem e no desenvolvimento infantil. **Humanidades**, Fortaleza, v. 23, n. 2, p. 176-180, jul./dez. 2008.

SALVA, Sueli; VINHOLES, Aline. O contexto escolar e suas práticas: reflexões sobre identidades de gênero. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 38, p. 101-121, set./dez. 2014. Disponível em:

<<https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24470>>. Acesso em: 19 jan. 2021.

SILVINO, Dariana; HENRIQUE, Tazia. A Importância Da Discussão De Gênero Nas Escolas: Uma abordagem necessária. In: JORNADA INTERNACIONAL POLÍTICAS PÚBLICAS, 8., 2017, São Luís/MA. **Anais...** São Luís/MA: Universidade Federal do Maranhão, 2017. p. 1-11.

VIEIRA, Glauca; Z Aidan, Samira. Sobre o conceito de prática pedagógica e o professor de matemática. **Paidéia**, Belo Horizonte, ano 10, n. 14, p. 33-54 jan./jun. 2013. Disponível em: <2375-Texto do Artigo-5218-1-10-20140813.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2021.